



Confluências Culturais

Revista Interdisciplinar

v. 12, n. 2: Diálogos interdisciplinares sobre paisagem cultural – 2023 – ISSN 2316-395X

De clínica a museu: tecendo as trajetórias memoriais de um castelo no centro da cidade de Estrela (RS)

From clinic to museum: intertwining the memorial trajectories of a castle in the center of the city of Estrela (RS), Brazil

De clínica a museo: tejiendo las trayectorias memoriales de un castillo en el centro de Estrela (RS), Brasil

Paulo Gustavo Sehn¹
Patrícia Kayser Vargas Mangan²

Recebido em: 20 jul. 2023
Aceito para publicação em: 5 set. 2023

Resumo: A cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul, é atualmente a terceira mais populosa do Vale do Taquari, com aproximadamente 33 mil habitantes. Ela tem 147 anos e foi colonizada inicialmente por imigrantes germânicos. Possui 13 bairros e 4 distritos. Neste artigo, contextualizamos o surgimento dessa cidade desde a chegada dos primeiros imigrantes até os primeiros indícios do nome “Estrela”. Após situarmos geograficamente o município, apresentamos o imóvel referência deste trabalho: um

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (Unilasalle). Supervisor na Secretaria de Educação de Lajeado (RS) e coordenador na Secretaria de Educação de Estrela. Professor na Faculdade La Salle Estrela.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle.

castelo no centro da cidade, construído em 1905 pelo médico austríaco Dr. Gabriel Schlatter. Por meio de uma linha do tempo, discutimos as transformações e as memórias que envolvem o imóvel, bem como sua importância no contexto da cidade, as relações que ele possui com as pessoas não só de Estrela, mas da região e do estado, o impacto da sua presença na paisagem cultural e geográfica do município e sua simbologia na formação identitária das pessoas, bem como sua importância sob o viés de patrimônio.

Palavras-chave: Estrela; paisagem; memória; patrimônio.

Abstract: The city of Estrela, in Rio Grande do Sul, Brazil, is currently the third most populous in the Taquari Valley, with approximately 33,000 inhabitants. Estrela is 147 years old and was colonized initially by Germanic immigrants. It has 13 neighborhoods and four districts. In this article, we contextualized the emergence of the city of Estrela, from the arrival of the first immigrants to the first signs of its name, Estrela. After geographically locating the city, we present the reference property of this work: a castle in the center of the city built in 1905 by the Austrian physician Gabriel Schlatter. Through a timeline, we discuss his transformations and the memories that surround the property, as well as its importance in the context of the city, the relationships the building has with people not only from Estrela, but from the region and the state of Rio Grande do Sul, the impact of its presence on the cultural and geographic landscape of the city, its symbology in the formation of people's identity, as well as its importance under the heritage bias.

Keywords: Estrela; landscape; memory; heritage.

Resumen: La ciudad de Estrela, en Rio Grande do Sul, Brasil, es actualmente la tercera más poblada del Valle de Taquari, con 33.000 habitantes. Estrela tiene 147 años y fue colonizada inicialmente por inmigrantes germánicos. Tiene 13 barrios y cuatro distritos. En este artículo contextualizamos el surgimiento de la ciudad de Estrela, desde la llegada de los primeros inmigrantes hasta las primeras señales del nombre Estrela. Tras ubicar geográficamente la ciudad, presentamos el inmueble de referencia de este trabajo: un castillo en el centro de la ciudad construido en 1905 por el médico austriaco Gabriel Schlatter y, por medio de una línea de tiempo, discutimos sus transformaciones y las memorias que rodean al inmueble, así como su importancia en el contexto de la ciudad, las relaciones que tiene con la gente no solo de Estrela, sino de la región y del estado, el impacto de su presencia en el paisaje cultural y geográfico de la ciudad, su simbología en la formación de la identidad de las personas, así como su importancia bajo el sesgo patrimonial.

Palabras clave: Estrela; paisaje; memoria; patrimonio.

INTRODUÇÃO

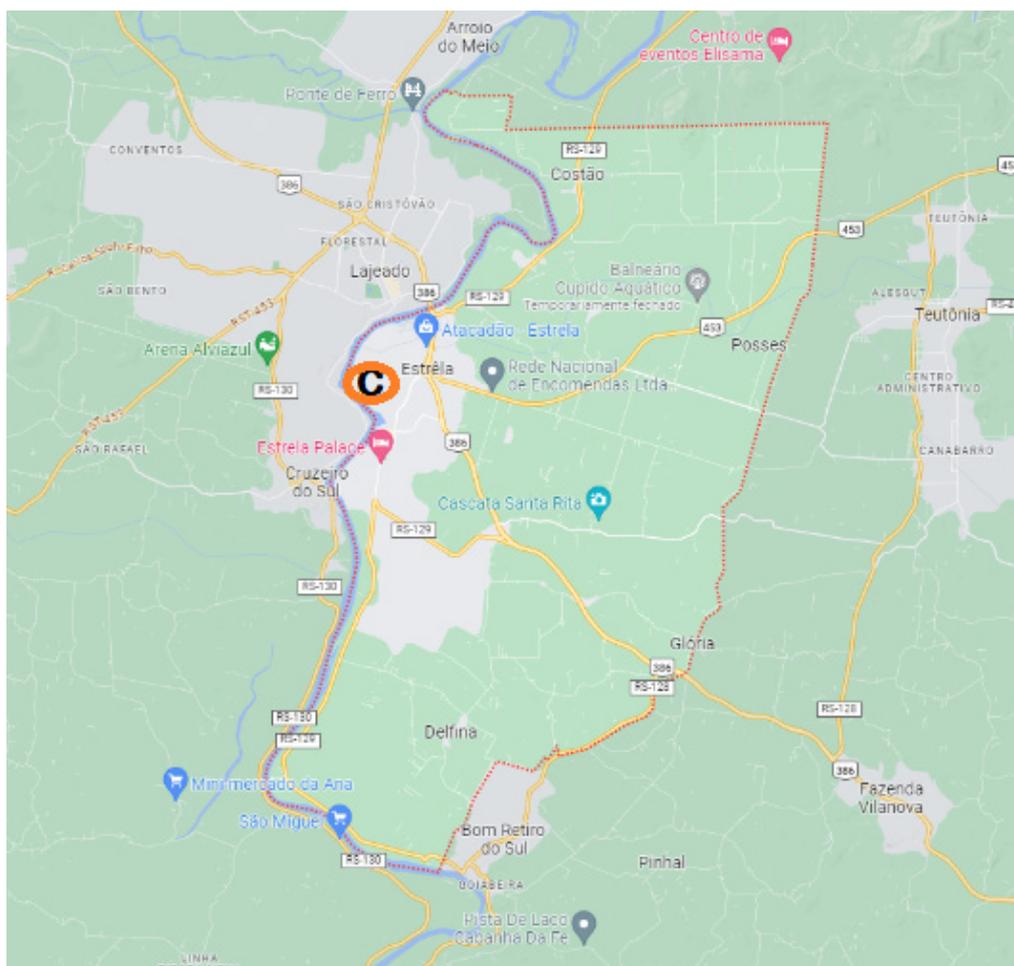
O presente artigo tem como objetivo discutir os significados do imóvel conhecido atualmente como Castelinho, desde sua construção até os dias atuais. Sua representatividade na paisagem cultural e natural da cidade de Estrela (RS), bem como suas memórias e formações identitárias, repercute positivamente até a presente data na cidade e principalmente na população local, regional e estadual, haja vista que o imóvel aqui estudado foi construído por um dos mais renomados médicos da época. Destaca-se que o presente trabalho está inserido em uma pesquisa de tese que investiga o patrimônio cultural dessa cidade.

Inicialmente, faz-se necessário apresentar o município em termos de localização geográfica. Estrela está situada no estado do Rio Grande do Sul, fazendo parte do Vale do Taquari. Localiza-se a 92 quilômetros da capital do estado (Porto Alegre). Além dos acessos pela rodovia BR-386 e pela Rota do Sol (RS 453), em Estrela há um porto fluvial no Rio Taquari, a estrada férrea ligada à Rodovia do Trigo, atualmente desativada de Colinas até Estrela, e o aeródromo regional, que passa por estudos de ampliação de pista para receber aeronaves maiores, resultando, assim, em um entroncamento rodo-aero-hidro-ferroviário.

Estima-se que em 1882, época de construção da clínica médica do Dr. Gabriel Schlatter – o imóvel estudado neste artigo –, Estrela contava com 5.000 km². Em 1916 sua extensão já havia diminuído para 724 km² (Schierholt, 2002, p. 334). Hoje ela possui 185,026 km², segundo o IBGE, dada a emancipação de várias cidades no seu entorno. Sua população está em torno de 32.180 habitantes, de acordo com o censo do IBGE de 2022 (IBGE, 2023a).

O mapa apresentado na figura 1, obtido do *site* Google Maps, permite visualizar a atual área territorial do município e foi editado a fim de apresentar a localização do Castelinho, no marcador “C”.

Figura 1 – Área territorial do município de Estrela em 2023 e localização do Castelinho



Fonte: Área territorial [...], 2023 (adaptado)

Antes de aprofundar a discussão sobre o prédio, é preciso compreender o surgimento da cidade e como se deram a construção do imóvel e o desenvolvimento urbano de seu entorno, o que será apresentado na próxima seção.

CONTEXTUALIZANDO O SURGIMENTO DE ESTRELA

No ano de 1800, o vice-rei do Brasil, Dom José Luís de Castro, concedeu a João Inácio Teixeira (solteiro, comerciante em Porto Alegre) uma sesmaria, que eram os terrenos “abandonados” pertencentes a Portugal e distribuídos a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar “terras virgens”. Nessa sesmaria estava Estrela, mas fazendo parte de uma área maior. O nome Estrela aparece em um documento de 1824, no qual João Inácio e seu irmão José desfazem sociedade empresarial de 30 anos, ficando a “Fazenda Estrela” para João Inácio (Schierholt, 2002, p. 929). Antes de surgir a colônia de Estrela, a localidade pertenceu ao município de Triunfo e, posteriormente, em 1849, ao de Taquari. Mais adiante, em 1856, foi criada por Vitorino José Ribeiro, proprietário da Fazenda Estrela, a colônia de Estrela.

Os colonos germânicos estabeleceram-se na região a partir de 1865, oriundos de São Leopoldo e de Feliz. Mais tarde, em 1868, famílias de imigrantes comerciantes passaram a constituir parte da população da vila, tornando-a uma referência local, o que provocou sua emancipação em 20 de maio de 1876 (Schierholt, 2002, p. 27).

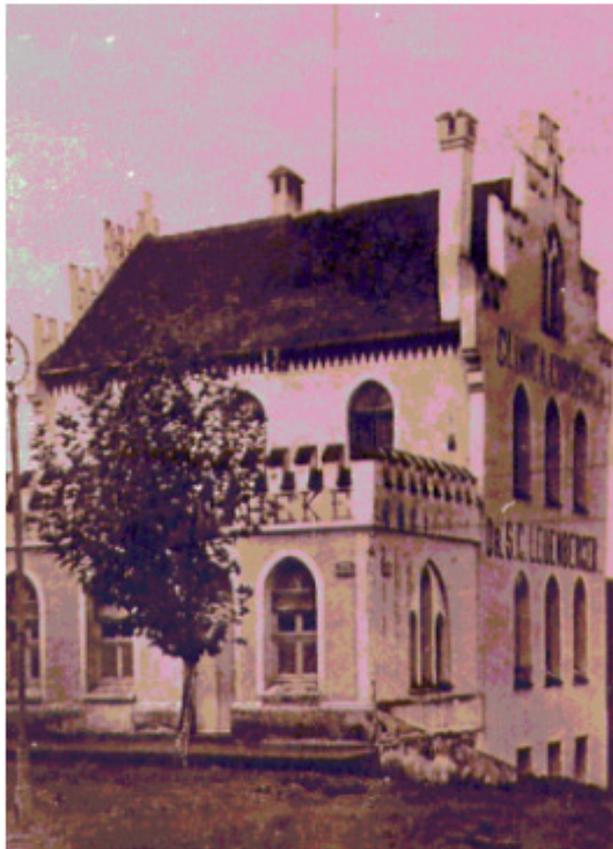
A primeira Câmara Municipal foi constituída em 1882 e, em 1883, tomaram posse os membros da segunda Câmara Municipal. Foi adquirido para isso um prédio, localizado na Praça Santo Antônio, que serviria de Intendência. Nesse prédio posteriormente funcionou a Prefeitura até 1954, quando foi demolido para dar lugar a um novo, que é o atual e que ainda preserva os antigos portões da primeira Intendência (Schierholt, 2002, p. 37).

Em 1899 chegou a Estrela um médico austríaco, chamado Gabriel Schlatter, que construiu para si um prédio em estilo neogótico, na Rua 13 de Maio, à altura do número 398, no entorno da Praça Santo Antônio (Schierholt, 2002, p. 223). A figura 2 apresenta uma fotografia do prédio, a qual foi feita em meados de 1915 e pertence ao acervo de fotografias, jornais e documentos históricos da Secretaria de Cultura e Turismo (Estrela, 2010).

Estrela era realmente uma cidade diferenciada, estruturalmente. No final do século XIX já contava com médico, marceneiro, sapateiro, ourives, relojoeiro e ferreiro, entre outros, além de farmácia, três cervejarias, lojas e um restaurante. Hessel (1983, p. 115) cita uma matéria escrita em 1898 por Ildefonso Fontoura para o jornal *O Estado*, de Santa Maria da Boca do Monte, sobre Estrela:

Quem percorre o município de Estrela [...] deslumbra-se vendo [...] as enormes plantações de milho, cana de açúcar, mandioca e feijão contrastando o verde claro de suas folhagens com o fundo escuro da mata, que as abriga dos vendavais flagelantes. [...] No desdobrar das roças e plantações e em lugares mais ou menos elevados, ao abrigo das grandes inundações, avistam-se sobrados de tosca arquitetura, residência habitual e saudável do colono que já fez a sua independência material pelo trabalho ativo e constante de sementar o solo e desenvolver as pequenas indústrias nativas. [...] Tudo isso, aliado a uma fertilidade incomparável do solo, anima os espíritos verdadeiramente empreendedores à conquista dos meios que a ciência dispõe para o engrandecimento da sociedade e satisfação pronta de suas múltiplas e variadas necessidades, práticas, intelectuais e morais (Hessel, 1983, p. 115).

Figura 2 – Castelinho em meados de 1915

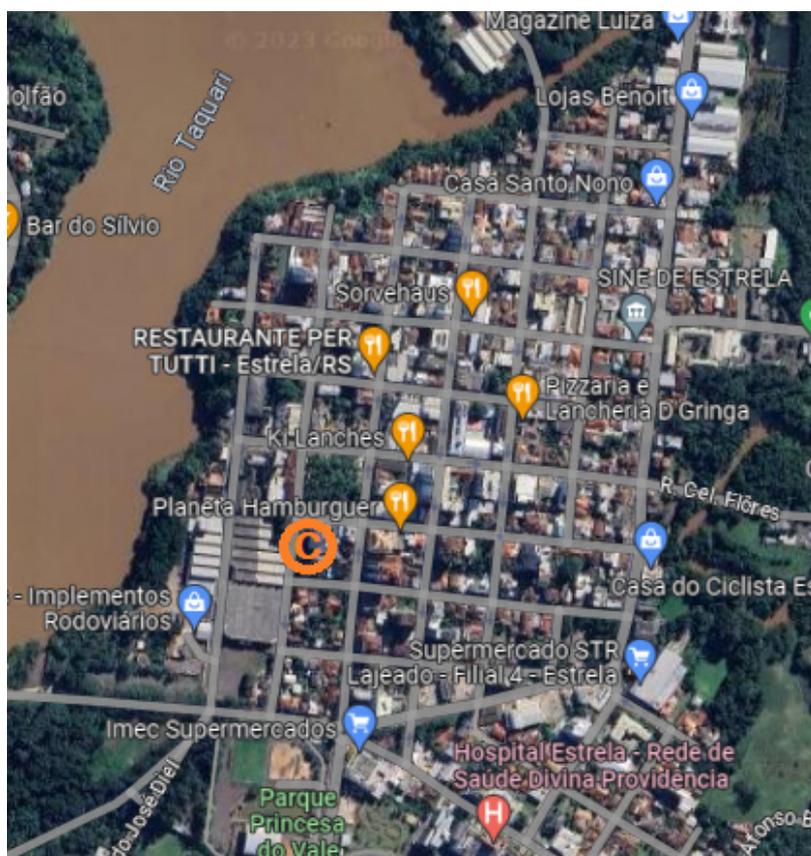


Fonte: Estrela (2010 – acervo de imagens)

A porta de entrada e saída de Estrela era o porto. O Rio Taquari era responsável por sua interligação com o mercado externo. Cidade pujante, como entoa seu hino, pelo rio eram feitos o comércio e os contatos sociais, administrativos, políticos e econômicos. Em 15 de outubro de 1924 um novo porto foi inaugurado, todo em alvenaria, incluindo uma escadaria com duas estátuas no alto, representando a Indústria e o Comércio (Schierholt, 2002, p. 319). Atualmente a escadaria é uma atração turística, sita na Rua Pinheiro Machado, dentro da antiga cervejaria Polar. Na época, havia seis hotéis na cidade, possibilitando aos viajantes parar para o descanso, pois a distância até Porto Alegre era de um dia, via fluvial.

O centro da cidade de Estrela tem um traçado urbano regular. As quadras e ruas são do mesmo tamanho (66 m x 66 m). Há uma praça central e no seu entorno a Igreja Católica e a Prefeitura, além de outros prédios importantes. A numeração das casas, nas ruas, inicia-se sempre do lado do rio e aumenta em sentido oposto. O traçado das ruas é xadrez – no sentido norte-sul, leste-oeste –, formando ruas retas, com quadras regulares e de iguais dimensões, e foi idealizado por Antônio Xavier, que doou a quadra central para ali se construir a praça, que ele mesmo chamou de Santo Antônio (atualmente a praça se denomina Menna Barreto). Até hoje a área central da cidade permanece inalterada, conforme se pode perceber no mapa da figura 3, bem como a localização do Castelinho, na letra “C” em destaque.

Figura 3 – Vista aérea da área central de Estrela em 2023 e de seu traçado xadrez e a localização do Castelhinho



Fonte: Área central [...] (2023)

Após conhecer a história de Estrela, vamos ao encontro de uma primeira aproximação da riqueza de sua paisagem cultural, onde o Rio Taquari emerge como o grande marco natural aliado a um conjunto eclético de prédios de diferentes épocas e estilos. Vale destacar que muitos dos prédios centenários ainda estão preservados.

A CLÍNICA MÉDICA DO DR. GABRIEL SCHLATTER

No final do século XIX e início do XX o índice de mortalidade de mulheres e recém-nascidos encontrava-se altíssimo no Rio Grande do Sul, principalmente por conta da febre puerperal, uma infecção pós-parto, e de infecção por bactérias do gênero estreptococo, causada pela não esterilização dos equipamentos médicos ou falta de higiene no parto. A demora no parto, principalmente pela falta de prática das parturientes, tornava as pacientes mais suscetíveis a infecções (Martins *et al.*, 1997, p. 166).

O contexto da saúde pública no Rio Grande do Sul no início do século XX foi destaque em matéria (Memorial [...], 2021) que endossa o grave problema de saúde pública nesse estado na época, principalmente a alta mortalidade das parturientes e dos

recém-nascidos, por má instrução dos assistentes de partos. Percebendo as dificuldades, o Dr. Gabriel Schlatter criou em Estrela a primeira escola de parteiras do estado, no prédio histórico construído em 1905. Ensinava seus conhecimentos com ajuda de um simulacro da pelve feminina por ele idealizado, que chamava de *Phantom* (figura 4), e de um esqueleto importado da França. A residência/clínica foi o local onde o Dr. Schlatter formou dezenas de parteiras que se espalharam pelo Rio Grande do Sul, as quais tinham compromisso de difundir os conhecimentos adquiridos.

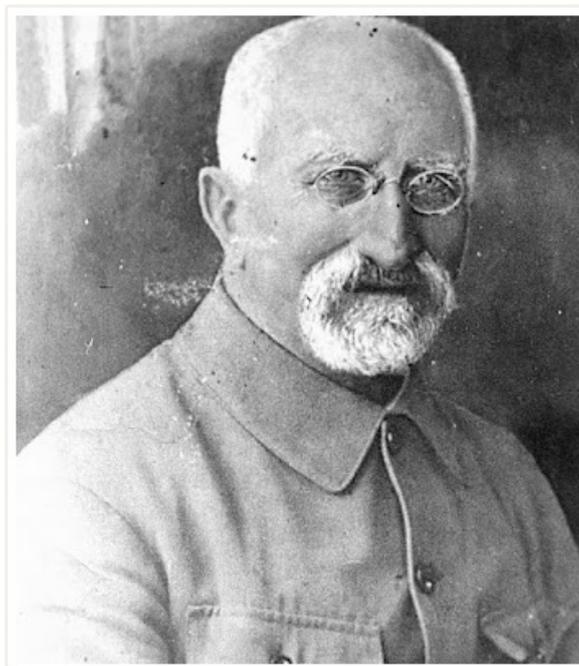
Figura 4 – *Phantom* – simulacro de pelve feminina e boneco fabricados pelo Dr. Schlatter



Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. Foto de Maria Teresa Chong

Gabriel Schlatter nasceu em Lahnbach, no Tirol Austríaco. Após o falecimento do pai, a família mudou-se para a aldeia de Zams, a 80 km de Innsbruck. Quando chegou ao Brasil em março de 1898, tinha 33 anos e já era diplomado pela Associação dos Médicos Naturalistas da Alemanha. Registrou seu diploma na Diretoria Estadual de Higiene, obtendo licença para exercer sua profissão no Rio Grande do Sul, favorecido pela política positivista do estado, que permitia a atuação de médicos estrangeiros, assim como autodidatas e com pouca formação. Veio inicialmente para Porto Alegre, depois São Sebastião do Caí, Lajeado, Estrela, até constituir família e radicar-se em Feliz, onde adquiriu um armazém e construiu um hospital, o qual, após três gerações de médicos da família, recebeu o nome de Schlatter.

Figura 5 – Dr. Gabriel Schlatter



Fonte: Santos (2014)

Conforme Santos (2014) menciona em seu *blog*, o Dr. Gabriel Schlatter (1865-1947) foi pastor de ovelhas e aprendiz de sapateiro e de marceneiro, conhecimentos que o auxiliariam no futuro, na constituição de seus objetos de estudo e ensino. Segundo Mendonça (2002, p. 28), foi em contato com livros de Medicina, especialmente de anatomia, no sótão do hospital em que era auxiliar, que sua motivação de vida parece ter surgido. Autodidata, estudou por anos trocando favores com médicos e pessoas com conhecimentos em Botânica. Ainda de acordo com Santos (2014), “o Dr. Schlatter casou em 1899 com Anne Maria Meurer. [...] Faleceu em outubro de 1947. Sua obra ficará indelevelmente gravada na medicina do RS no século XX”.

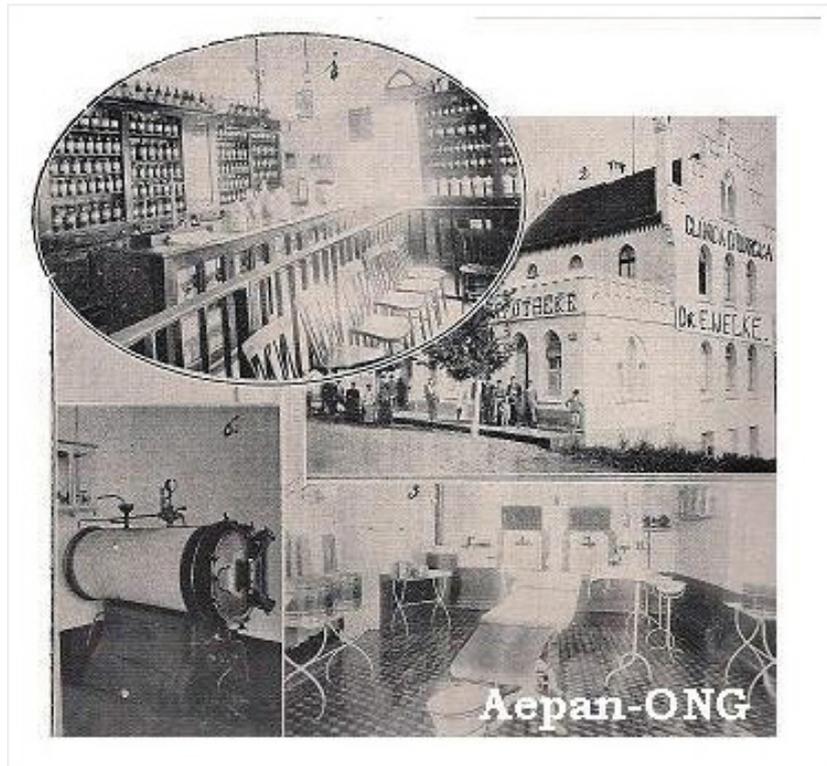
O “CASTELINHO”: SEUS SIGNIFICADOS E RELAÇÕES PARA A PAISAGEM CENTRAL DE ESTRELA

O Castelinho foi construído pelo Dr. Gabriel em 1905 onde atualmente é o entroncamento das ruas Treze de Maio e Pinheiro Machado, ao lado da praça, no centro da cidade. O prédio por si só teve para Estrela inúmeros significados que permeiam o desenvolvimento social e econômico do município, além das relações entre a cidade e as pessoas. A clínica médica, inicialmente, foi a primeira do estado para a formação de parteiras, a fim de atender a uma grande demanda na área da saúde para a época. Vanguardista, o Dr. Gabriel Schlatter utilizou dos seus conhecimentos desde antes da sua vinda ao Brasil para desenvolver técnicas e ferramentas para ensinar as parteiras, haja vista que os instrumentos, importados, eram demasiadamente caros. Esse foi um dos principais motivos para ele mesmo criar seu aparato médico, já que dispunha de conhecimento e habilidades para os desenvolver.

Santos (2013), em pesquisa publicada em seu *blog*, contempla-nos com uma linha do tempo, referenciando algumas das atividades que já passaram pelo imóvel, o qual

atualmente tem 118 anos. Inicialmente, entre 1905 e 1909, foi a clínica e escola do Dr. Gabriel Schlatter. “Após, o espaço foi alugado para outros dois médicos”, Dr. Giovanni Campelli e Dr. Samuel G. Leuenberger, que incluíram no local uma farmácia. “Em 1919 a clínica foi adquirida pelo Dr. Ernesto Emílio Welke, encerrando as atividades em 1929, em função da construção do Hospital Estrela” (Santos, 2013).

Figura 6 – Clínica do Dr. Welke em 1920



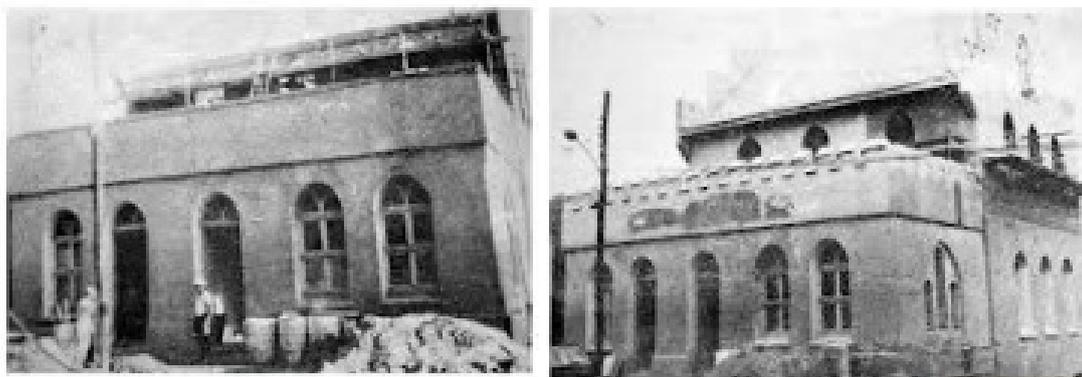
Fonte: Santos (2009)

Santos (2009) apresenta-nos alguns detalhes do que era a clínica do Dr. Welke. Moderna para a época, comportava até mesmo cirurgias de alta complexidade, pois possuía salas cirúrgicas e de exame de olhos, garganta e ainda consultório, além de uma farmácia anexa.

No local funcionou também a empresa de químicos Hilgemann e Cia. Ltda., época em que um triste episódio marcou a história do prédio. Em 1948, por consequência das atividades fabris da empresa, o imóvel incendiou. A estrutura dele não foi comprometida, mas segundo o correspondente local do jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, Rudolfo Maria Rath, em noticiário da época, tanto o prédio quanto o vizinho Posto de Higiene ficaram completamente destruídos.

Algumas décadas mais tarde houve um movimento regional em favor da cultura, o qual despertou o interesse público para a compra do Castelinho, como forma de proteger a história local. Assim, em 1981 o prédio foi adquirido pelo governo de Estrela, sob a gestão do prefeito Hélio Musskopf. Foi pago ao proprietário Wunibaldo Ely o equivalente a 3 milhões de Cruzeiros. Com base no desenho das plantas existentes e em imagens, o imóvel foi restaurado entre 1981 e 1982, sob supervisão da Prefeitura. Em 1982 foi inaugurada no local a Casa de Cultura Dr. Lauro Reinaldo Müller, na qual funcionava também a biblioteca pública.

Figura 7 – Reconstrução do Castelinho em 1982



Fonte: Retirado do Álbum do Memorial de Estrela (Santos, 2023a)

A homenagem ao Dr. Lauro Reinaldo Müller é consequência de uma história marcante para a cidade de Estrela. O Dr. Lauro Müller nasceu em Porto Alegre (RS), em 2 de fevereiro de 1912, e faleceu em Salvador (BA), em 4 de maio de 1977, tendo sido sepultado em Estrela. Filho de Reinaldo Müller e Hulda Müller. Após concluir os estudos secundários em 1930, trabalhou na Carris (empresa operadora do transporte público de Porto Alegre) e lecionou no Colégio IPA, da Igreja Metodista, em Porto Alegre. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Porto Alegre em 1939. Atuou como cirurgião, ginecologista e obstetra e também se dedicou à Clínica Médica. Exerceu a profissão em Estrela. Segundo Schierholt (2002, p. 459), foi um dos filatelistas de maior destaque no Rio Grande do Sul e no Brasil. Na exposição de 1944 ganhou sua primeira medalha de ouro e obteve também vários prêmios internacionais. Em 1949 fundou a Sociedade Filatélica do Alto Taquari. Além da coleção de selos, ele mantinha coleções especializadas sobre música, centenário do selo postal e vias de transporte. Em 1949 fundou o Rotary Internacional de Estrela e foi seu presidente de 1951-1952, 1954-1955 e 1959-1960. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Foi o idealizador da Casa de Cultura Dr. Lauro Müller e da aquisição da casa do Dr. Gabriel Schlatter por parte do poder público municipal. O Dr. Lauro Müller foi quem desenhou o brasão de armas do município de Estrela em 1953, insígnia na qual constam a primeira casa da Fazenda Estrela, as rosas, que florescem em maio, mês da emancipação de Estrela, e elementos que representam a agricultura e a educação, com baixo índice de analfabetismo. Casou-se com Edithe Helka Müller.

Em meados dos anos 2000, por mudanças na gestão municipal, o espaço foi ocupado por exposições internas do acervo do Centro Cultural 25 de Julho e do Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari, porém por um curto espaço de tempo, já que logo em seguida uma nova reforma e outras secretarias passaram a ocupar o prédio, como a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Trabalho e Habitação, que prestava assistência a famílias e trabalhadores, e o Gabinete da Primeira-Dama.

Sob a gestão do prefeito Elmar Schneider, o atual Memorial de Estrela passou a ocupar o local em 20 de maio de 2021, data do aniversário da cidade. Uma elogiável reforma e revitalização dos espaços internos e externos foi convidativa para o memorial ocupar o térreo e o 2.º andar do prédio (mezanino interno) com mostras fixas e itinerantes. O porão e o sótão não estão ocupados. A maior parte do acervo, entretanto, não está no memorial mas sim em salas da Aepan-ONG junto ao prédio da antiga Cervejaria Polar, que fica ao lado do Castelinho. Na figura 8 é possível visualizar a fachada do Castelinho nos dias atuais, com o Memorial de Estrela ocupando seus espaços.

Figura 8 – Castelinho em 2023



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022)

Quadro 1 – Linha do tempo da ocupação do Castelinho

Ocupação do Castelinho	
Período	Atividade
1905	Construção
1905-1909	Clínica Médica Dr. Gabriel Schlatter. Escola para parteiras
1909-1919	Alugado para o Dr. Giovanni Campelli e o Dr. Samuel G. Leuenberger, que, além de manter a clínica, instalaram uma farmácia
1919-1929	Funcionamento da Clínica Dr. Welke
1929-1948	Empresa química Hilgemann e Cia. Ltda.
1948	Incêndio
1981	Adquirida pelo poder público (governo municipal de Estrela)
1981-1982	“A grande reforma”
1982	Inauguração da Casa de Cultura Dr. Lauro Müller
2002-2004	Exposições internas do acervo do Centro Cultural 25 de Julho e do Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari
2013-2019	Repartições públicas, secretarias municipais, Gabinete da Primeira-Dama
2021-atual	Funcionamento do Memorial de Estrela

Fonte: Primária (2023)

AS VÁRIAS PAISAGENS DA CIDADE DE ESTRELA

Os fatos e as histórias que acompanham Estrela são testemunhos do desenvolvimento do município, em todas as áreas. A dinâmica da cidade mudou ao longo das décadas. Politicamente, de intendência municipal, temos hoje a prefeitura, que ainda ostenta o mesmo portão da antiga sede. A Câmara Municipal, atualmente com sede própria, à época de intendência tinha as decisões tomadas em salas dos mais de 10 hotéis que compunham o território urbano do município. Juridicamente, Estrela conta com o Fórum da cidade, a sede da Ordem dos Advogados do Brasil, o Fórum Trabalhista, que funciona no mesmo prédio do Cartório Eleitoral, e ainda o Ministério Público. No âmbito da religião, a Igreja Católica e a Igreja Luterana estão ao centro de tantas outras igrejas que atualmente são de igual importância e executam trabalhos sociais no município. As escolas – particulares, municipais e estaduais – recebem aproximadamente 10 mil alunos. Estrela conta ainda com uma escola técnica estadual e a Faculdade La Salle, que está localizada no mesmo prédio do Colégio Santo Antônio.

Muitos pontos turísticos colocaram Estrela em um cenário promissor, sendo o Porto de Estrela, com seu painel gigante pintado e concorrendo no Guinness World Records ao maior do mundo, o segundo local mais visitado e fotografado do Vale do Taquari, atrás apenas do Cristo Protetor de Encantado, que é o maior do mundo. Outros pontos turísticos enaltecem a rota de visita ao município, como por exemplo o Memorial de Estrela, o Parque da Lagoa e anexo o lindo espaço para “trailistas”, o Calçadão, a Escadaria dentro do complexo da antiga fábrica Polar, a Praça Menna Barreto, o Parque Princesa do Vale, a Escadaria da Chá Chá Pereira, o Belvedere Rotary Club, a Cascata de Santa Rita, o Roteiro Delícias da Colônia, com seus atrativos, e o mais recente Roteiro Cicloturístico, desenvolvido pelos autores deste artigo com o intuito de fazer conhecer e proteger os prédios, praças, parques e monumentos da cidade.

A pujança das indústrias é visível. Muitas perceberam o desenvolvimento da cidade e nela se instalaram. A indústria gráfica, de metais, empresas de logística fazem parte do cenário industrial.

O hospital da cidade é referência estadual em traumatologia. Além dele, outras clínicas com médicos especialistas estão instaladas na cidade.

O comércio e os profissionais liberais ganham o apoio das entidades para prosperar, sendo a Câmara da Indústria e Comércio (Cacis) e a Secretaria de Desenvolvimento, Inovação e Sustentabilidade (Sedis) o suporte para elas.

No setor agrícola, Estrela destaca-se em âmbito estadual na produção leiteira e de suínos.

Percebe-se, no entanto, pela quantidade de veículos que circulam nas ruas que falta um movimento de mobilidade, pois de antigamente até os dias atuais as mesmas vias compõem o cenário local. Alteraram-se os tipos de pavimento, mas as ruas continuam as mesmas.

Muitos prédios, novos e verticais, ocuparam as quadras centrais de Estrela, tudo isso para comportar os quase 35 mil habitantes da cidade e ainda outros tantos que se deslocam para o município diariamente. Em 20 de maio de 2023, Estrela completou 147 anos de emancipação política.

A PAISAGEM ALÉM DO NOSSO SENSO COMUM DE ESPAÇO GEOGRÁFICO: MEMÓRIA

A simbologia do Castelinho vai além do simples objeto material, imóvel. Há uma mediação entre o imóvel e os seus significados, sua simbologia. Tais relações alteram a atitude das pessoas para com a cidade em si. Segundo Eliade (1991, p. 13), “as imagens invocam a nostalgia de um passado mitificado”.

Propõe-se aqui a discussão da simbologia, do significado do Castelinho, não só como elemento arquitetônico, mas também o seu valor histórico: a memória do lugar. Geograficamente, compreende-se o imóvel como um bem material que modifica o espaço, a paisagem, conforme nos apresenta Cavalcanti (1998, p. 100). Ao analisar a linha do tempo do Castelinho, percebe-se diretamente os seus significados nos mais diversos momentos da cidade – ora quando se fazia necessário o surgimento de clínicas para realizar de forma segura e protegida os partos, visto que a comunidade demandava tal formação, por conta da alta mortalidade de crianças e mulheres tanto por infecções quanto por má realização desses procedimentos, ora quando se faziam necessárias as formações de parteiras, dados o aumento populacional e a ausência de médicos especializados na área.

Mais adiante, a comunidade demandava um movimento cultural que provocou o poder público a adquirir o Castelinho e a ali instalar um centro cultural. Esse movimento, extremamente válido, mantém-se na cidade até os dias atuais. O centro cultural apenas mudou de endereço, abrindo espaços para o Castelinho receber o Memorial de Estrela, demanda essa que já se apresentava na comunidade em meados de 2009 pela Lei Municipal 5081, de 30 de dezembro do mesmo ano, que cedeu espaços junto ao complexo da cervejaria Polar para armazenar o “Arquivo Central”. Tal acervo mais tarde passou a ocupar o Castelinho, ora em exposições itinerantes, ora no próprio e atual Memorial de Estrela. Callai (2000, p. 97) corrobora essa relação das pessoas com o ambiente quando afirma que “o lugar mostra através da paisagem a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos”.

Há uma subjetividade presente na paisagem a partir dos significados que ela apresenta à sua população. O valor histórico, até mesmo em algo aparentemente insignificante, pode ser percebido pelas informações que se tem sobre ele, conforme enfatiza Bourdieu (1989, p. 7), ao afirmar que há um valor factual nos objetos, pois eles “constituem-se como instrumentos de conhecimento e de comunicação, ou seja, de integração social” (Bourdieu, 1989, p. 7).

Propõe-se ainda a discussão do objeto e da paisagem enquanto memória. Há uma via de duplo sentido, tanto das sociedades para os lugares, objetos, imóveis, quanto dos lugares para a comunidade. A paisagem interage com as pessoas e as pessoas interagem com os lugares. Os sujeitos identificam-se com a paisagem a partir do momento em que há essa relação cognitiva. As atividades cotidianas que a comunidade não só de Estrela, mas de toda a região/estado, realizou e continua realizando no prédio referência deste artigo produzem registros memoriais e afetivos que resultam em uma relação entre a paisagem e a memória. Bourdin (2001, p. 33) destaca que “o sentido de pertença é resultado do conjunto de recortes que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença a um lugar”. A própria identidade dos indivíduos é percebida no recorte de tempo explicitado no quadro 1, pois há uma proximidade imediata das demandas da sociedade com as atividades realizadas no Castelinho. Bourdin (2001, p. 33) explicita essas ocorrências com base em três ideias: 1) o entorno imediato, que é ao mesmo tempo material e social, dando ao indivíduo o sentido de pertença; 2) o conhecimento que dele temos, que se exprime e se organiza na representação

do território; 3) a definição do indivíduo pela apreensão do entorno imediato. Choay (2001, p. 140) complementa tal ideia quando afirma que a noção de patrimônio está intrinsecamente ligada à memória, não só à memória afetiva, mas também à identitária do sujeito.

O que nos lembram então os edifícios antigos? O valor sagrado dos trabalhos que os homens de bem, desaparecidos e desconhecidos, realizaram para honrar seu Deus, organizar seus lares, manifestar suas diferenças. Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações desaparecidas, a mais humilde habitação possui, da mesma forma que o mais glorioso edifício, o poder de nos pôr em comunicação, quase em contato com eles (Choay, 2001, p. 140).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a relação cotidiana da população com o Castelinho, tendo por base as demandas que do prédio foram exigidas em cada recorte de tempo da história e da ligação dele com as pessoas, a cidade, a região e o estado do Rio Grande do Sul, não somente pela exuberância arquitetônica da edificação, mas também pelos símbolos que a ela foram atribuídos. Ora na época de clínica, ora na época de biblioteca ou de gestão da cidade, era o que se fazia necessário naquele intervalo de tempo, e a escolha do prédio para abrigar tais demandas foi justamente pelo que ele representa para a comunidade, até os dias atuais.

A memória presente no Castelinho, não só pela sua representação, mas também pelo que (n)ele contém, atualmente museu, é de valor inestimável para a história da cidade. Há um testemunho histórico naquele lugar. Ao falar sobre o sentido de pertença Bourdin (2001, p. 33) corrobora tal afirmação, e assim é possível atribuir o termo patrimônio ao Castelinho, pois todos os aspectos que integram a paisagem cultural e natural, bem como aqueles ligados à atividade humana, são considerados como algo que possui um valor. A autenticidade do local induz ao respeito pela sua utilização. Parafraseando Schierholt (2002, p. 464): “Quem conhece sua terra tem muito mais condições de amá-la, defendê-la e por ela lutar. No fundo, esse é o segredo da realização humana”.

REFERÊNCIAS

ÁREA CENTRAL do município de Estrela. Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-29.5008843,-51.9662007,1263m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ÁREA TERRITORIAL do município de Estrela. Google Maps. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Estr%C3%A1a+-+Estrela,+RS/data=!4m2!3m1!1s0x951c63c6435bab33:0x98debef96ca74d7?sa=X&ved=2ahUKEwjR7_zcqK2BAxUWELkGHe07CByQ8gF6BAgPEAA&ved=2ahUKEwjR7_zcqK2BAxUWELkGHe07CByQ8gF6BAgQEAI. Acesso em: 20 jul. 2023.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESTRELA (RS). Secretaria de Cultura e Turismo. **Acervo de fotografias, jornais e documentos históricos**. v. 2010. Pasta de documentos do acervo de acesso público.

HESEL, L. F. **O município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1983.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/estrela.html>. Acesso em: 26 jul. 2023a.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ranking do atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking.2010>. Acesso em: 20 jul. 2023b.

MARTINS, R. de A.; MARTINS, L. A.-C. P.; FERREIRA, R. R.; TOLEDO, M. C. F. de. **Contágio: história da prevenção das doenças transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 1997.

MEMORIAL de Estrela funcionará em prédio histórico. **Folha Popular**, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://folhapopular.info/index.php/2021/01/18/memorial-de-estrela-funcionara-em-predio-historico/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MENDONÇA, R. **O homem que enganou o tempo: a vida do doutor Gabriel Schlatter**. Porto Alegre: Trindade, 2002.

MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL. **Phantom**. Fundo Schlatter, Gabriel. Col. IV – Obstetrícia. N.º de ordem MUHM 030/070 E13. p. 1.

SANTOS, A. E. dos. Álbum do Memorial de Estrela – História e Crônica. **Baú de Memórias com Airton**. Disponível em: <http://lajeadores.blogspot.com/2023/01/album-do-memorial-de-estrela-historia-e.html>. Acesso em: 26 jul. 2023a.

SANTOS, A. E. dos. Clínica para cirurgia Dr. Emílio Welke Estrela-RS – primeiros anos do século XX. **AEPAN-ONG**. Blog do Airton. Disponível em <http://aepan.blogspot.com/2009/07/clinica-para-cirurgia-dr-emilio-welke.html>. Acesso em: 26 jul. 2009.

SANTOS, A. E. dos. História de Estrela-RS – Dr. Schlatter e sua Escola de Parteiros. **AEPAN-ONG**. Blog do Airton. 2014. Disponível em: <https://estrela-riograndedosul.blogspot.com/2014/02/historia-de-estrela-rs-dr-schlatter-e.html>. Acesso em: jul. 2014.

SANTOS, A. E. dos. História de Estrela-RS – SEDESTH com sede no Castelinho em Estrela-RS. **AEPAN-ONG**. Blog do Airton. 2013. Disponível em: <https://estrelars.blogspot.com/2013/05/sedesth-com-sede-no-castelinho-em.html?m=1>. Acesso em: jul. 2023.

SANTOS, A. E. dos. Resumo histórico de Estrela – RS. **AEPAN-ONG**. Blog do Airton. Disponível em: <http://aepan.blogspot.com/2009/07/>. Acesso em: 24 jul. 2023b.

SCHIERHOLT, J. A. **Estrela: ontem e hoje**. Lajeado: Edição do autor, 2002.